

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Thiago Stering Moreira da Silva

**Caminhos e descaminhos da historiografia da História da África (1840-
1990)**

Juiz de Fora – MG

Julho - 2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Thiago Stering Moreira da Silva

Caminhos e descaminhos da historiografia da História da África (1840-1990)

Monografia elaborada pelo acadêmico, Thiago Stering Moreira da Silva, como exigência do curso de graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob a orientação da Professora Dr(a). Carla Maria Carvalho de Almeida.

Juiz de Fora – MG

Julho – 2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Thiago Stering Moreira da Silva

Caminhos e descaminhos da historiografia da História da África (1840-1990)

Monografia elaborada pelo acadêmico, Thiago Stering Moreira da Silva, como exigência do curso de graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob a orientação da Professora Dr(a). Carla Maria Carvalho de Almeida.

Aprovado em:

Professora Dr(a). Carla Maria Carvalho de Almeida

Juiz de Fora - MG

Dezembro - 2009

Agradecimentos

RESUMO: O objetivo deste trabalho é propor a análise e identificação das diversas trajetórias dos estudos sobre a África a partir do século XIX. Objetivando, portando, visualizar as tendências e grupos nos quais se relacionam os escritos sobre as temáticas africanas, dentro de um recorte temporal que, inicia-se nos tempos modernos, dentro da perspectiva européia, indo até o fim da década de 1980. Entretanto, será dada maior ênfase ao período no qual a historiografia esteve dominada pelos paradigmas da ciência histórica, devido as limitações impostas pela disponibilidade de bibliografia editadas no Brasil, até a última década do século XX. Sem deixar de lado, é claro, outros relatos ou fontes que abordaram ou reservaram espaço aos estudos e descrições do continente africano.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia da África, história africana e História.

ABSTRACT: The aim of this paper is to propose the analysis and identification of various trajectories of studies on Africa from the nineteenth century. Aiming, holding, viewing trends and groups in which they relate the writings on the themes of Africa, within a time frame that begins in modern times, within the European perspective, going to the end of the 1980s. However, more emphasis will be given to the period in which the historiography was dominated by the paradigms of historical science, because of the limitations imposed by the availability of literature published in Brazil until the final decade of the twentieth century. Without forgetting, of course, reports or other sources that have addressed or have booked space for studies and descriptions of the African continent.

KEY WORDS: Historiography of África, African history and History.

Sumário

Introdução.....	P.8
<i>Capítulo 1</i> . África nos escritos da Antiguidade.....	P.11
1.1. Os Árabes e a escrita da História da África.....	P.17
<i>Capítulo 2</i> . África e o Historicismo.....	P.20
<i>Capítulo 3</i> . (Re) Surgimento da África.....	P.27
<i>Capítulo 4</i> . Os Novos estudos africanos e o desenvolvimento da temática no Brasil.....	P.35
Conclusão	P. 44
Referências Bibliográficas.....	P.46

Introdução

No cenário internacional, sabe-se que há 50 anos, investigar o passado da África, constituía-se em tarefa marcada pelo isolamento e descaso. Mesmo quando essa tarefa era reconhecida como inovadora por alguns, a maioria dos historiadores a julgavam como desnecessária ou inviável. Por isso, nesse espaço, proponho a tentativa de se lançar luz sobre esses silêncios e, principalmente, analisar e identificar as diversas trajetórias dos estudos sobre a África a partir dos anos de 1960. Desta feita, objetivamos visualizar as tendências e grupos nos quais se relacionam os escritos sobre as temáticas africanas, dentro de um recorte temporal que, inicia-se nos tempos modernos, dentro da perspectiva europeia, indo até o fim da década de 1980. Entretanto, será dada maior ênfase ao período no qual a historiografia esteve dominada pelos paradigmas da ciência histórica, devido as limitações impostas pela disponibilidade de bibliografia editadas no Brasil, a partir do século XIX, sem deixar de lado, é claro, outros relatos ou fontes que abordaram ou reservaram espaço aos estudos e descrições do continente africano.

Desta forma, nosso objetivo será, por meio da leitura e reflexão dos textos sobre África, identificar e caracterizar os principais momentos na construção da História africana como um campo do conhecimento histórico e das contribuições desta para a História Universal.

Para tanto, iniciaremos este trabalho com os primeiros relatos escritos sobre África e os africanos, percorrendo os relatos e fontes para seu estudo até o século XIX. Daqui em diante, o foco vai ser colocado sobre as interpretações e abordagens da historiografia sobre a mesma temática tendo como guia a divisão/classificação elaborada pelo cientista social guineense Carlos Lopes, na qual segundo o mesmo existiriam três grupos nos quais poderiam ser localizados, por afinidades maiores, os

diversos trabalhos e investigações realizadas sobre a África a partir do século XIX: a corrente da Inferioridade Africana (1840-1950), a corrente da Superioridade Africana (1950-1970) e uma nova escola de estudos africanos (1970 em diante)¹. No entanto para melhor apreensão dessa divisão, é necessário que se frise que essas fases são herdeiras diretas de um imaginário já bastante distorcido acerca dos africanos, e que elas também não se sucederam de forma monolítica. Ao contrário, conviveram, permearam-se e se influenciaram mutuamente, o que explica o fato de alguns trabalhos não se encaixarem perfeitamente nos pressupostos que caracterizam cada uma dessas fases.

Assim o capítulo 2 tratara da corrente da Inferioridade Africana, identificada pela negação da historicidade ao mundo africano. De acordo com os trabalhos desse grupo e somado com as teorias raciais surgidas na época, o Homem do continente seria incapaz de fazer e contar sua própria história.

Já o capítulo 3 abordara a corrente seguinte, que foi articulada no período das independências africanas e era composta, quase que exclusivamente, por intelectuais e pesquisadores do continente. Tal corrente utilizava como ideias centrais os argumentos de que os africanos apresentavam todas as qualidades apresentadas pelas populações de outros continentes e que a África passaria a ser pensada como região central da humanidade. A aplicação de um sentido ideológico e passional nesses estudos acabou por comprometer parte dessas pesquisas e teorias.

Por fim, no último capítulo será foco de atenção o grupo responsável pela profissionalização e expansão dos investigadores das temáticas africanas, com a especialização dos estudos por áreas e temas, tais como epidemias, escravidão, gênero e religião, além do uso de fontes específicas, como a tradição oral e os vestígios arqueológicos. Não se deixara de fazer inserções nesse capítulo quanto ao estado e

¹ LOPES, Carlos. *A Pirâmide invertida- historiografia africana feita por africanos*. In: *Actas do 'Colóquio Construção e Ensino da História de África*. op. cit. p. 28.

tendência dos estudos africanos dentro da produção historiográfica brasileira. Visto que tal temática possui destacada importância para a História do Brasil. Já que a escravidão se constitui em um recorte temporal e espacial que relaciona diretamente a África e o Brasil. Entretanto, tal como predomina na historiografia brasileira, os processos destas regiões que se interligam, e suas explicações, não podem restringir-se ao recorte da escravidão. Ou seja, este trabalho objetiva também colaborar para que as continuidades e descontinuidades históricas do Brasil, da África e das relações entre ambos, anteriores e posteriores a escravidão, sejam estudadas sobre uma nova perspectiva.

Sabe-se também que, atualmente, a integração e expansão dos estudos históricos sobre o continente negro são sintomáticos de ações ocorridas não muito distantes no tempo, tais como as que Anderson Ribeiro Oliva elucida:

“... formação de pesquisadores a partir de alguns núcleos de pesquisa em História da África presentes no país; a fusão cada vez maior de investigações acerca do tráfico de escravos com o chamado Mundo Atlântico e conseqüentemente com a África; o crescimento do número de publicações internacionais sobre a história do continente; por fim a maior visibilidade de nossa ignorância sobre África, evidenciada em momentos como o vivido há um ano, quando o governo sancionou uma lei tornando obrigatório o ensino da história da África nas escolas brasileiras.”²

E, portanto, exercícios como este de revisão bibliográfica acompanhada da leitura extensiva de artigos publicados em português e em outras línguas, colaboram para um melhor entendimento das trajetórias e avanços próprios da historiografia de África, percebendo como esta é inovadora e atualizada frente a historiografia mundial. Para além de atuar também, visto que a escrita da história não é neutra e está a serviço de interesses específicos, na re colocação das culturas africanas dentro das páginas da História Universal.

² OLIVA, Anderson Ribeiro. *A historiografia da África em perspectiva*. Revista Múltipla, Ano IX, n. 16, Vol. 10, junho de 2004. Disponível em: <http://www.upis.br/revistamultipla/multipla16.pdf>.

1. A África nos escritos da Antiguidade.

África é considerada atualmente como o “berço da Humanidade” devido ao fato de estudos arqueológicos comprovarem que foi no continente que surgiu o primeiro hominídeo, o *Homo Sapiens*, o qual, a partir daí, se expandiu por todo o globo³. A partir deste inegável fato científico, podemos conjecturar que, portanto, o continente também é responsável, em parte, pelo nascimento do gênero História, entendido aqui, como a tentativa de registro das ações humanas ao longo do tempo⁴. Como afirma J. D. Fage, “os primeiros trabalhos sobre a História da África são tão antigos quanto o início da história escrita”⁵, e os historiadores do velho mundo mediterrâneo e da civilização islâmica medieval tomavam como parte integrante do quadro de referência do conjunto do mundo conhecido uma grande parte da África ao norte do deserto do Saara. Essa região integrava o campo de interesses desses historiadores tal qual a história da Europa ou do Oriente Próximo.

A África ao sul do Saara, mais conhecida como África tropical, também fazia parte do horizonte de interesses desses historiadores clássicos, contudo havia certo limite nessa preocupação, devido à dificuldade e escassez de contatos que podiam se estabelecer com essa parte do continente seja através do Saara, seja ao longo da costa do mar Vermelho e do Oceano Índico⁶.

Antes de mais, caberia aqui uma reflexão no sentido de evidenciar que nem sempre foi possível falar de uma África. Referindo-se aqui não as áreas geográficas do

³ DIFUILA, Manuel Maria. *Historiografia da História de África*. In: *Actas do Colóquio 'Construção e Ensino da História de África'*. Lisboa, Linopazas, 1995, p. 51.

⁴ OLIVA, Anderson Ribeiro. *A historiografia da África em perspectiva*. op. cit. p. 11.

⁵ FAGE, J. D. A evolução da historiografia da África. In: Ki-Zerbo, J (Org): *História Geral da África: Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 1982, Vol. 1, p. 43.

⁶ *Ibidem*. p.43.

continente ou então as suas complexas e diversas sociedades, mas sim ao termo/categoria “África”. Sempre que tal termo é mencionado, surgem referências a um apanhado de ideias, imagens, preconceitos, conhecimentos e ignorâncias sobre esta parte do mundo. Para os próprios africanos o termo e consequentemente a identidade que este conceito carrega são significados muito recentes, só a partir do fim do século XIX e meados do XX, como discute Oliva, é que se pode identificar a presença e o reconhecimento de uma identidade africana e a ideia de uma África representativa de uma região em comum⁷. O filósofo africano Kwame Appiah discute em sua obra *Na casa do meu pai* a relação que se manteve até o XIX entre os habitantes do continente e a citada identidade, reforçando a concepção de uma aceitação ou incorporação recente da mesma:

“Se nos fosse possível viajar pelas muitas culturas da África naqueles anos – desde os pequenos grupos de caçadores-coletores bosquímanos, com seus instrumentos da Idade da Pedra, até os reinos haussás, ricos em metais trabalhados -, teríamos sentido, em cada lugar, impulsos, idéias e formas de vida profundamente diferentes. Falar de uma identidade africana no século XIX – se identidade é uma coalescência de estilos de conduta, hábitos de pensamento e padrões de avaliação mutuamente correspondentes (ainda que as vezes conflitantes), em suma, um tipo coerente de psicologia social humana -, equivalia a dar a um nada etéreo um local de habitação e um nome.”⁸

Dessa forma, chega-se a conclusão de que a África e seus povos foram, antes de mais nada, invenção estrangeira. É certo que hoje, essa identidade foi apropriada e (re)significada pela ação autônoma dos homens e mulheres em suas mais diversas regiões. Porém, cabe a ressalva de que os nomes e definições que surgiram ao longo dos séculos para referenciar o continente e seus habitantes são produtos de fora, forjados por europeus ou muçulmanos. E que, tais nomes, confeccionados em diversas temporalidades, são reveladores de um tipo de relação de distanciamento, diferenças,

⁷ OLIVA, Anderson Ribeiro. *A historiografia da África em perspectiva* op. cit. p. 12.

⁸ APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa do meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. pp. 95- 96.

estranhamento e comparação negativa que se estabeleceu entre os “africanos” e os estrangeiros.

Durante a antiguidade, escritos de viajantes, historiadores, ou geógrafos, como Heródoto de Helicarso (séc. V a.c) e Cláudio Ptolomeu (séc. II), denominavam África de *Etiópia* e os africanos de *etíopes*. Já para os muçulmanos eram “o Sudão e para os viajantes dos séculos XV e XVII eram a Guiné e seus estranhos moradores”⁹. Mas o importante desses nomes para a presente análise, está no fato dos mesmos possuírem como denominador comum, a menção a uma característica física da população africana: a cor negra da pele. E a própria forma de denominar a África na antiguidade - *Etiópia* - utilizada principalmente por gregos e romanos, levava em consideração esse importante elemento de estranhamento anteriormente citado, já que o termo grego *Aethiops*, significa terra dos homens de pele negra¹⁰. Assim, a pele negra, o cabelo crespo e as feições físicas foram os aspectos que, antes de quaisquer outros elementos, em um primeiro contato, mais chamaram a atenção dos que passaram pelo continente. E desta maneira, as terras africanas, foram caracterizadas como o habitat de homens negros inferiores, sendo que a diferença, a crença na superioridade e a dificuldade de entender o outro representam os significados implícitos impressos nos referidos termos.

Heródoto, em *História*, obra reconhecida como mãe da história¹¹, deixou registrado sua impressão sobre os africanos, em um misto de estranhamento, admiração e desqualificação, através das várias referências a *Etiópia* e aos *etíopes*. Dentro da sua lógica descritiva¹² afirmava que “os homens daquelas regiões são negros por causa do

⁹ OLIVA, Anderson Ribeiro. *A historiografia da África em perspectiva*. op cit. p. 13

¹⁰ DIFUILA, Manuel Maria. op. cit. p.53.

¹¹ RIBEIRO JR., W.A. Heródoto: o casamento por leilão. Modelo 19, Araraquara, v. 7, n. 13, 2002, p. 30. Disponível em: <http://warj.med.br/pub/pdf/casamento.pdf>.

¹² Lógica essa que se enquadra, segundo Fage, no significado de História válido na antiguidade, qual seja: “descrição sistemática de fenômenos naturais”.

calor” e que os “etíopes da Líbia” eram “entre todos os homens os de cabelo mais crespo”¹³.

A relação estabelecida por Heródoto entre o clima e a cor são reveladores do impacto que as diferenças de fenótipos, entre europeus e africanos, causavam ao estrangeiro. Além disso, o historiador grego, também afirmava que a *Etiópia* seria “a mais remota das regiões habitadas”¹⁴, e que, se comparados aos outros povos, os *etíopes* seriam inferiores, bárbaros e sem civilização. Fica, pois, então evidente, que as referências e categorias culturais de Heródoto condicionam sua leitura da realidade, fazendo-o demarcar os aspectos físicos tão distantes dos gregos e sua pretensa superioridade.

As características geográficas da *Etiópia* também serviram nos séculos seguintes como balizas de fronteiras entre o mundo europeu e a África, além de serem utilizadas, muitas vezes, como elementos explicativos das diferenças físicas e culturais entre europeus e africanos¹⁵. Ainda na antiguidade o geógrafo alexandrino Cláudio Ptolomeu, baseado em estudos anteriores, inclusive os de Heródoto, reuniu em sua obra *Geografia* a evolução máxima dos conhecimentos relativos aos contornos da África¹⁶. Nesta, a África não passaria da região do Equador e o clima abaixo dele seria insuportável e responsável pelas deformações e incapacidades físicas dos povos que ali viviam.

Essas propaladas crenças acabaram por influenciar decisivamente a forma de se pensar os africanos durante o período medieval, obtendo participação chave nas explicações dos teólogos e geógrafos medievais sobre o continente¹⁷.

¹³ HELICARSO, Heródoto de. *História*. apud. OLIVA, Anderson Ribeiro. *A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática*. Estudos Afro-Asiáticos, Vol. 25, n. 3, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2003000300003.

¹⁴ Ibidem, p. 434.

¹⁵ DIFUILA, op cit. p. 53.

¹⁶ DJAIT, H. As fontes escritas anteriores ao século XV. In: KI-ZERBO, J (Org): *História da África, Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 1982, Vol. 1, p. 119.

¹⁷ OLIVA, Anderson Ribeiro. *A historiografia da África em perspectiva*. op cit. p. 13.

No período medieval, as imagens dos africanos foram completamente fixadas pelo imaginário da cristandade europeia, o que fez com que, mais uma vez, o desprestígio recaísse sobre as terras africanas. A teoria camita¹⁸, associada à fusão da cartografia de Ptolomeu com a cosmologia cristã acabou por posicionar África e os africanos nas piores regiões da terra¹⁹. E foi na cartografia medieval que as impressões pejorativas sobre os africanos ficaram mais explícitas. Conjugando os olhares da Antiguidade com as crenças sobre a distribuição da humanidade na terra, relatadas pela Bíblia, os mapas da época reproduziam um padrão no qual, segundo Isabel Noronha,

“O paraíso terrestre apareceria sempre ao Norte, no topo, distante dos homens; e Jerusalém, local da ascensão do filho de Deus aos céus, no centro. A Europa, cuja população descendia de Jafet, primogênito de Noé, ficava à esquerda (do observador) de Jerusalém e a Ásia, local dos filhos de Sem, netos de Noé, à direita. Ao sul aparece o continente negro e monstruoso, a África. Suas gentes eram descendentes de Cam, o mais moreno dos filhos de Noé.”²⁰

Com as grandes Navegações e os contatos mais intensos com a África abaixo do Saara, os estranhamentos e olhares preconceituosos perpetuaram-se. O imaginário dos navegantes iria acentuar, de forma intensa, as visões desprestígioas, depreciativas e fantásticas acerca da África. O desconhecimento e conseqüentemente os temores do Oceano e das regiões abaixo do Equador, alimentaram as criações e representações europeias sobre os africanos. Monstros, terras inóspitas, seres humanos deformados, imoralidades, regiões e hábitos demoníacos, são denominações muito presentes nos relatos e descrições dos viajantes e missionários desse período. Nesse aspecto os

¹⁸ Segundo os textos bíblicos, Cam, um dos filhos de Noé, foi punido por flagrar seu pai nu e embriagado. Como punição, seus descendentes deveriam se tornar escravos dos descendentes de seus irmãos, teriam uma pele mais escura que a dos outros homens e habitariam parte dos territórios da Arábia, do Egito e da Etiópia. GOLDENBERG, David. *The curse of Ham: race and slavery in early Judaism, Christianity, and Islam*. apud. OLIVA, Anderson Ribeiro. *Lições sobre a África: diálogos entre as representações dos africanos no imaginário ocidental e o ensino da História da África no mundo Atlântico (1990/2005)*. Brasília: UNB, 2007, p. 404. Tese Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, UNB, Instituto de Ciências Humanas, Brasília, 2007, pp. 58-59.

¹⁹ NORONHA, Isabel. *A cartografia medieval e a cartografia renascentista: testemunhos iconográficos de duas visões de mundo*. História, Ciência, Saúde-Manguinhos, Vol. 6, n. 3, novembro de 1999 a fevereiro de 2000. pp. 681-687.

²⁰ Ibidem. pp. 681-689.

historiadores Renato Venâncio e Mary Del Priore chamam atenção para essas construções,

“Acreditava-se, também, que a parte habitável da Etiópia era moradia de seres monstruosos: ‘os homens de faces queimadas’. (...) A cor negra, associada à escuridão e ao mal, remetia no inconsciente europeu, ao inferno e as criaturas das sombras. O Diabo, nos tratados de demonologia, nos contos moralistas e nas visões das feiticeiras perseguidas pela Inquisição, era, coincidentemente, quase sempre negro.”²¹

Já no período moderno o intensificar dos contatos não resultou, como se poderia imaginar, na alteração dessas leituras influenciadas pela crença de que a Europa era uma civilização infinitamente mais desenvolvida. Antes, apenas operaram uma alternância das abordagens preconceituosas. Como exemplo, no século XV, duas encíclicas papais deram plenos poderes ao soberano português de se apoderar das terras e escravizar eternamente os povos islâmicos, pagãos e os negros em geral²². E essa condição de cativo dos povos negros, veio a contribuir e potencializar os preconceitos e imagens negativas dos africanos. Sendo que a maioria dos relatos elaborados nos decorrer dos séculos XVI, XVII e XVIII, seguiam as abordagens de povos inferiores, mesmo, a despeitos destes, se elevarem a um posição chave nas relações econômicas estabelecidas pelos europeus com o *Mundo Atlântico*²³. E isso se verifica facilmente com a análise dos diários, memórias e crônicas dos viajantes ou nos relatórios oficiais elaborados por diversos marinheiros, enviados diplomáticos, comerciantes, militares, missionários e exploradores que percorreram o interior e a costa do continente entre os séculos XV e XVIII.

²¹ DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. *Ancestrais. Uma introdução à história da África Atlântica*. Rio de Janeiro, Campus, 2004, p. 56.

²² OLIVA, Anderson Ribeiro. *A história da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática*. op. cit. pp. 435-436.

²³ Estudos mais concretos sobre a posição chave da população negra e do escravismo dentro da economia do Mundo Atlântico são: THORNTON, John Kelly. *A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-1800*. Rio de Janeiro; Campus, 2004. pp. 41-153. ; LEVEJOY, Paul E. *A escravidão na África: uma história de suas transformações*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

Desses escritos, evidenciam-se os estranhamentos e preconceitos de seus autores com a presença de cultos pagões e fetichistas ao invés dos cultos da fé cristã e da ausência de Estados organizados segundo os padrões europeus. Como afirma Oliva,

“o convívio com padrões urbanísticos, estéticos, artísticos e religiosos diversos fez com que as leituras européias pouco mudassem. Entre estes homens podemos destacar as obras de Antônio Cadornega, João Cavazzi, Duarte Pacheco Pereira, Luis de Cadamosto e Gomes Eanes Zurara.”²⁴

1.1 Os Árabes e a escrita da História da África.

Ao contrário do que se possa imaginar, o privilégio do explicitado imaginário de inferioridade sobre África não foi exclusivo da civilização cristã européia. Nos inúmeros relatos de viajantes árabes e mulçumanos, é possível encontrar concepções e idéias semelhantes às européias. Dessa forma, tal qual os europeus, árabes também deram destaque aos aspectos físicos, dos povos, e geográficos do continente, além de acreditavam que o calor também seria o responsável pelas diferenças estéticas dos africanos. Como exemplo pode-se citar o autor árabe Al Kindi, que inferia: “sendo quente o país, os corpos celestes exercem sua influência e atraem os humores para as partes superiores do corpo. Daí os lábios pendentes, o nariz achatado e grosso (...) a ausência de inteligência”²⁵. Além do mais o próprio termo, de origem árabe, utilizado por eles para referenciar-se a África, *Sudão*, significa “terra dos homens negros”²⁶.

Para além dessas visões limitadas, que compartilhavam com os europeus, é importante destacar que desde, ao menos, o século IX, os árabes haviam estabelecido relações intensas com a parte norte e ocidental do continente africano. Segundo Fage,

“(...) a utilização do camelo pelos povos do Saara havia facilitado o estabelecimento de um comércio regular com a África ocidental e a instalação de negociantes norte-africanos nas principais cidades do Sudão

²⁴ OLIVA, Anderson Ribeiro. *A historiografia da África em perspectiva*. op. cit. p. 15.

²⁵ DEL PRIORE, Mary, op cit; VENÂNCIO, Renato. op. cit. p. 58.

²⁶ DIFUILA, Manuel Maria. op. cit. p. 54.

ocidental. Por outro lado o comércio com a parte ocidental do oceano Índico tinha se desenvolvido a tal ponto que um número considerável de mercadores da Arábia e do Oriente Próximo se instalara ao longo da costa oriental da África”²⁷.

A antiguidade desses contatos é tal que, quando da intensificação das relações dos europeus com a África no século XV, alguns dos impérios e reinos da região já haviam sido, há muito, islamizados.

Diante disso, Fage afirma que, apesar dos problemas acima apontados, os autores árabes desse período eram mais bem informados, sendo seus escritos de enorme valia para a reconstrução do mundo africano, durante o período compreendido entre o IX e XV²⁸. O historiador português Manuel Maria Difiula enumera alguns desses escritores viajantes árabes ou africanos islamizados, que foram secretários, embaixadores, ministros, conselheiros ou geógrafos nos reinos que se montaram na África muçumana, e que transitavam pelas regiões tocadas pelas rotas de comércio do *Sudão*. Os principais são estes: Al-Mas’udi e Ibn Hawkal (século X), Al Bakiri (século XI), Al-Idrisi (século XII), Yakult (século XIII), Abu’l-Fida, Al-Umari e Ibn Batuta (século XIV), Ibn Khaldun (século XIV-XV), Al- Hasan, conhecido por Leão Africano (séculos XV-XVI), Mahmud Kati (século XVI) e Es Saadi (século XVII)²⁹.

Desses, merece destaque especial, segundo Fage, devido a suas formulações de pesquisa e reflexões históricas, o tunisiano Ibn Khaldun. Para Fage, se este fosse mais conhecido no mundo ocidental poderia facilmente destituir o título de pai da História de Heródoto:

“Entre os primeiros historiadores da África, porém encontra-se um muito importante, um grande historiador no sentido amplo do termo: referimo-nos a Ibn Khaldun (1332-1406) que, se fosse mais conhecido pelos especialistas ocidentais, poderia legitimamente roubar de Heródoto o título de ‘pai da História’. (...) ele induziu uma concepção que faz da História um fenômeno cíclico. (...) é a ele que devemos o que se pode considerar quase como História da África tropical, em seu sentido moderno. Na qualidade de norte-africano e também pelo fato de ter trabalhado, a despeito da novidade de sua

²⁷ FAGE, J. D. op. cit. p. 44.

²⁸ Ibidem. p. 44.

²⁹ Ibidem. p. 54.

filosofia e seu método, no quadro das antigas tradições mediterrâneas e islâmicas, ele não deixou de se preocupar com o que ocorria do outro lado do Saara.³⁰

O grande destaque e, por conseguinte, o que distinguia Khaldun dos seus demais contemporâneos autores foi a sua concepção de uma filosofia da história como também a utilização de um método crítico de avaliação e comparação das fontes, enquanto que seus demais autores contemporâneos limitavam-se pela descrição das regiões e das relações comerciais estabelecidas, coletando dados e informações, muitas vezes, de forma indireta.

³⁰ FAGE, J. D. op. cit. p.44.

2.0 A África e o Historicismo.

Antes de fazer uma retrospectiva mais minuciosa sobre a historiografia africana desse período, se faz necessário apresentar, brevemente, alguns aspectos marcantes do contexto desse período. No final do século XVIII e durante todo o XIX, as relações entre africanos e europeus se alteram, ganhando novos contornos. Causa primeira dessa mudança foram os novos objetivos que passaram a dominar as viagens e expedições européias no continente, que a partir desse momento se dedicavam a devarar os interiores da África, projetando um maior reconhecimento da suas zonas mais interioranas, até então pouco exploradas. O que fez ressurgir nos relatos europeus, antigas estigmas sobre os africanos, fortalecidas, nesse período, por argumentos científicos.

Além disso, em consonância com essas novas expedições, encontramos o momento ápice do interesse imperialista/colonialista de nações européias nas terras africanas, durante o final do século XIX. Ações de conquista e domínio foram perpetradas proporcionando o controle territorial de grandes partes da África. Inglaterra, França, Bélgica, Portugal e Alemanha foram os principais países a tomaram partido nessa “partilha africana”³¹, e por isso, a grande maioria dos relatos escritos, importantes para a compreensão da realidade de parcelas da população africana, apesar de conservar a perspectiva eurocêntrica, são frutos das atividades de missionários, militares, administradores ou pesquisadores desses países.

Quanto ao tipo de abordagem predominante desse período, nota-se que aos recorrentes preconceitos, somam-se crenças científicas cuja genealogia pode ser buscada nas teorias desenvolvidas pelo Darwinismo Social, Determinismo racial e Evolucionismo Social. Com a adição dessas teorias ao já embaçado olhar europeu, os

³¹ BRUNSCHWING, Henri. *A partilha da África Negra*. São Paulo, Perspectiva, 1974, pp. 13-17.

africanos acabam por serem alocados nos iniciais degraus da escala da evolução humana³². E para pensadores europeus, essas teorias raciais explicariam e evidenciariam o fato dos africanos serem prova viva do desenvolvimento evolutivo do homem até o macaco, sendo dessa maneira, mais próximos dos animais do que dos humanos. E tais argumentos acabavam por receber a chancela de expedições ou achados científicos no continente³³. Dessa forma ao já rico vocabulário de termos pejorativos lançados para denominar e descrever as realidades de África são incorporadas novas palavras tais como: infantis, primitivos, tribais e incapazes de apreensão e evolução.

Os escritos dos viajantes e aventureiros se impregnam desse viés, sendo exemplo categórico dos efeitos norteadores dessas teorias científicas³⁴ nas abordagens elaboradas sobre os africanos. Entre os mais famosos, pode-se citar os textos de Richard Burton. Suas palavras acerca das impressões sobre a população africana revelam a presença desses filtros “científicos”:

“O estudo da psicologia na África Oriental é o estudo da mente do Homem rudimentar (...) Ele pareceria mais uma degenerescência do homem civilizado do que um selvagem (...) não fosse sua incapacidade para o aperfeiçoamento (...).”³⁵

Por fim, a intervenção imperialista no continente com a imposição da fé cristã e dos valores e padrões culturais europeus, para além de se justificar pela inferioridade biológica, mental, cultural e espiritual dos africanos, passaria a ser encarada como uma ação inevitável e desejável para operar a retirada da África de seu eterno estado de trevas.

³² OLIVA, Anderson Ribeiro. *Lições sobre a África: diálogos entre as representações dos africanos no imaginário ocidental e o ensino da História da África no mundo Atlântico (1990/2005)*. Brasília: UNB, 2007, p. 404. Tese Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, UNB, Instituto de Ciências Humanas, Brasília, 2007, p. 78.

³³ HENRIQUES, Isabel de Castro. *Os pilares da diferença: relações Portugal África, séculos XV-XIX*. Lisboa, Caleidoscópio, 2004, p. 289.

³⁴ Para maiores informações sobre os usos do conceito de raça consultar: APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa(...)*, op. cit.

³⁵ BURTON, Richard Francis. *The Lake Regions of Central Africa*. apud, OLIVAL, Anderson Ribeiro. *A história da África em perspectiva*. op. cit. p. 16.

Finalizada a pequena inserção no contexto que permeia essa fase da escrita da história africana, é chegada a hora de passar em revista as produções historiográficas da segunda metade do XIX.

Inicialmente, e correndo o risco de ser repetitivo, é peremptório dizer que por a História ser caracterizar como o campo das ações humanas a África seria a região do mundo de mais longa historicidade, visto que tal continente foi o berço da humanidade, abrigou diversas experiências sociais e variados fenômenos culturais. E de fato a História tem sido, como afirma Henk Wesseling, praticada na maioria das civilizações³⁶. Na Europa, no início do XIX, o pensamento histórico passava por readequações, que culminaram em uma dita maneira científica de se pensar e fazer História. Fortemente tocada pelas concepções eurocêntricas³⁷ e ligada a dois pressupostos fundamentais: trajetórias nacionais, entendidas como inventários dos principais fatos políticos dos Estados europeus protagonizados, quase sempre, por figuras ilustres ou heróis; e a concepção do movimento retilíneo e natural rumo ao progresso tecnológico e civilizacional, no qual a ideia de transformação, da busca do novo e do moderno tornar-se-iam obsessão. Além disso, entendendo a História como objetiva, buscava-se descrever os fatos como realmente eles haviam ocorridos, como forma única de se acessar a verdade histórica. Para tanto se utilizava, exclusivamente, de documentos escritos e de um método rigoroso de análise dos mesmos.

Vista dentro dessa perspectiva histórica, a história africana não teria destaque dentro da História Universal por dois motivos principais. O primeiro deles seria a

³⁶ WESSELING, Henk. História de Além mar. In: BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo. UNESP. 1992. p.100.

³⁷ Entendido aqui como uma forma singular de ideologia (que expressa a dominação objetiva dos povos europeus ocidentais no mundo, cuja origem deve-se buscar no Renascimento) e paradigma (pois possui como característica fundamental de ser uma estrutura menta que se reproduz e que serve para classifica o mundo) que tem como cerne uma estrutura mental de caráter provinciano fundada na crença da superioridade do modo de vida e do desenvolvimento europeu ocidental. BARBOSA, Muryatan Santana. *Eurocentrismo, História e História da África*. Sankofa, Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, n. 1, junho de 2008, p. 47. Disponível em: <http://sites.google.com/site/revistasankofa/Home/sankofa-01>.

inexistência da escrita na maioria das sociedades abaixo do Saara, com a predominância da tradição oral³⁸. E o segundo está ligado ao fato dessas sociedades serem classificadas como tradicionais, no sentido de preservar o passado, estando por isso em um estado eterno de imobilismo³⁹. E para exemplificar este tal estado da coisa, é recorrente entre os autores que trabalharam com a historiografia africana, a utilização dos escritos do importante filósofo alemão Friedrich Hegel. Em afirmações coletadas de sua obra *Filosofia da História* pode-se ver claramente a defesa dessa posição:

“A África não é uma parte histórica do mundo. Não tem movimentos, progressos a mostrar, movimentos históricos próprios dela. Quer isso dizer que sua parte setentrional pertence ao mundo europeu ou asiático. Aquilo que entendemos precisamente como pela África é o espírito a-histórico, o espírito não desenvolvido, ainda envolto em condições de natural e que deve ser aqui apresentado apenas como no limiar da história do mundo.”⁴⁰

Portanto, mesmo que a postura teórica de Hegel estivesse em sintonia com o pensamento histórico do período, e de que não devemos desconsiderar o conjunto todo de sua obra, ainda sim suas leituras sobre os africanos e a África são extremamente pejorativas.

É certo também que tais ideias não ficaram presas aos oitocentos, e acabaram determinando outros trabalhos posteriormente. Mesmo sendo fraca a influência direta que Hegel causou na construção da História da África, sua opinião, ou melhor, a opinião que representava, foi aceita pela ortodoxia histórica do século XIX. O professor Manuel Difuila lembra que uns dos primeiros estudiosos a tentar esboçar uma História da África, H. Schurtz, comparava a “História das raças da Europa a vitalidade de um belo dia de

³⁸ Para mais detalhes sobre a tradição oral em sociedades africanas ver: HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J (Org): *História da África, Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 1982, Vol. 1, pp. 181-218.

³⁹ Sobre a classificação das sociedades africanas como tradicionais e sobre a concepção de história das mesmas ver: HAMA, Boubou; KI-ZERBO, J. Lugar da História na sociedade africana. In: KI-ZERBO, J (Org): *História da África, Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 1982, Vol. 1, pp.61-73.

⁴⁰ HEGEL, Friedrich. *Filosofia da História*. In: FAGE, J. D. op. cit. p. 48.

sol, e a das raças da África a um pesadelo que logo se esquece ao acordar”⁴¹. E ainda nesse sentido, Fage cita o renomado professor da Universidade de Oxford, Sir Hugh Trevor-Hoper, que em 1963 ainda compartilha as opiniões anacrônicas e destituídas de fundamentos dos seus anteriores colegas:

“Pode ser que no futuro, haja uma história da África para ser ensinada. No presente, porém, ela não existe; o que existe é a história dos europeus na África. O resto são trevas (...), e as trevas não constituem tema de história (...) divertimo-nos com o movimento sem interesse de tribos bárbaras nos confins pitorescos do mundo, mas que não exercem nenhuma influência em outras regiões”⁴².

E assim, para grande parte dos historiadores do XIX e da virada do XX, a história da África, entendida como o esforço de se registrar um espaço marcado pelas transformações, só passaria a existir com o estabelecimento de relações entre europeus e as populações africanas. Portanto nessa abordagem histórica os africanos são vistos como incapazes de operarem alterações em suas próprias realidades. Mesmo com uma descoberta por parte da arqueologia, no século XX, de inúmeras e complexas elaborações materiais, como as do campo da arte estatuária, da produção agrícola e da arquitetura, que exigiam necessariamente um avançado domínio de técnicas e de criação e invenção, a afirmativa da inferioridade africana era preservada⁴³. E em muitos desses casos, europeus esforçavam-se na formulação de explicações para explicar e justificar seus pontos de vista.

O professor Johnni Langer, chama a atenção para a argumentação utilizada por pesquisadores na tentativa de explicar as origens da arquitetura monumental das ruínas do Zimbabwe. Afirma Langer que a tese central dessas argumentações estava no fato de que esses elementos de destaque da cultura material africana seriam frutos da

⁴¹ DIFUILA, Manuel Maria. op.cit. p. 52.

⁴² FAGE, J. D. op. cit. p. 49.

⁴³ OLIVA, Anderson Ribeiro. *Lições sobre a África: diálogos entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino de História da África e do mundo Atlântico (1990-2005)*. Tese de Doutorado, op. cit. p. 83.

interferência de outras civilizações e povos de origem europeia, árabe ou branca, e não resultado da imensa capacidade inventiva e de transformação da natureza por parte dos africanos:

“Imerso no processo colonizador ocidental, este explorador (e muitos outros futuramente) não poderia conceber que os “primitivos” africanos teriam edificado tais maravilhas arquitetônicas. O mito fenício juntamente com a imagem da rainha de Sabá e Ofir, com isso, possuíam uma utilização claramente geográfica, pois concedia legitimidade para os europeus explorarem as mais diversas riquezas naturais ou humanas do continente negro”⁴⁴.

Não obstante, o cientista social Carlos Lopes apresenta uma gama de estudos nesse estilo, no qual a tendência de se preservar as afirmações de que África não possuía história e de que tudo encontrado lá não passaria de uma cópia inferior produzida em outros lugares era predominante:

“Recentemente o conhecido astrônomo Carl Sagan, da Universidade Cornell de Nova Iorque, decidiu avaliar os conhecimentos astronômicos dos Dogon e concluiu que os ‘Dogon, em contraste com todas as sociedades pré-científicas, sabiam que os planetas, incluindo a terra, giram sobre si próprios e a volta do Sol’ (...) Como é que se pode explicar este extraordinário conhecimento científico? Sagan não duvidou um segundo que deve ter sido a um gaulês que atravessou aquelas paragens, e que provavelmente estava mais avançado que a ciência da época.”⁴⁵

Desta feita, retornando ao percurso historiográfico do final do XIX e início do XX, é corrente a afirmação de que com o pleno domínio colonial europeu, foram realizadas as primeiras pesquisas ligadas a História Colonial na África. As principais marcas desses estudos e o ritmo empregado nos mesmos foram determinados pela história dos europeus no continente, desenvolvida pelos recentes centros e institutos de pesquisas alocados em vários países metropolitanos, como Alemanha, Inglaterra, França e Bélgica⁴⁶. Surgiam assim, os primeiros trabalhos de História da África, ou das ações europeias no continente, escrito pelos colonizadores sob o viés teórico ocidental, no

⁴⁴ LANGER, Johni. *Civilizações Perdidas no Continente Negro: o imaginário arqueológico sobre a África*. In: MNEME, Revista de Humanidades. n. 14, Vol. 7, fevereiro/março de 2005. Disponível em: <http://www.seol.com.br/mneme>.

⁴⁵ LOPES, Carlos. *A Pirâmide invertida- historiografia africana feita por africanos*. op. cit. p. 23.

⁴⁶ DIFUILA, Manuel Maria. op. cit. pp. 54-55.

qual procurava-se evidenciar as atividades coloniais no continente, passando, literalmente por cima, das contribuições das sociedades africanas, percebidas ainda como primitivas e bárbaras⁴⁷. Assim nessas histórias colonialistas a África aparecia sempre como um pequeno apêndice, com um número reduzido de páginas, em obras extensas que tratavam da formação dos impérios coloniais. Vigorava nelas também, a ideia de que os africanos eram incapazes de fazer história:

“(...) a África não possuía ‘nenhuma história antes da chegada dos europeus. A história começa quando o homem se põem a escrever’. Assim, o passado da África antes do início do imperialismo europeu só podia ser reconstruída ‘a partir dos testemunhos dos restos materiais, da linguagem e dos costumes primitivos’, coisas que não diziam respeito aos historiadores, e sim aos arqueólogos, aos lingüistas e aos antropólogos”⁴⁸.

Por fim, as mudanças nessa perspectiva histórica, ocorrem pouco antes de se iniciarem as lutas pelas independências dos estados africanos, durante as décadas de 1950 e 1960, estendendo até a década de 1970. De um modo geral, Oliva afirma que este período representa uma revolução para os estudos sobre África, com os estudos ganhando em diversidade e ampliando as suas abordagens⁴⁹.

⁴⁷ FREUND, Bill. *Africanist History and the History of African*. apud, OLIVA, Anderson Ribeiro. *História da África em perspectiva*. op. cit. p. 21.

⁴⁸ FAGE, J. D. op. cit. pp. 50-51.

⁴⁹ Olival, Anderson Ribeiro. Lições sobre a África: diálogos entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino de História da África e do mundo Atlântico (1990-2005) Tese (doutorado). op. cit. p. 75.

3.0 (Re)Surgimento da África.

Entre os anos de 1940 e 1970 ocorreram mudanças significativas em estudos desenvolvidos sob a temática africana. Ainda que a presença de modelos e estereótipos antigos se fizessem presentes, como no lançamento de coleções sobre os impérios colônias em África⁵⁰, as abordagens historiográficas sobre o continente se transformaram e um número significativo de elementos podem ser identificados para confirmação dessa ideia.

O primeiro elemento diz respeito ao contexto pós grandes Guerras Mundiais. A forma como tal situação impactou o pensamento europeu se deu de várias maneiras. Para alguns, a tragédia das Guerras comprovaria a decadência da cultural ocidental da época, que teria perdido sua verdadeira força espiritual, atribuída a fontes diversas: cristã, medieval, Greco romana, helenística, etc⁵¹. Para outros, havia chegado o momento de se repensar o papel civilizatório do Ocidente no mundo, junto com os próprios valores ocidentais. Seja como for, o significativo foi que as duas Guerras Mundiais tiveram importante papel simbólico na derrocada do otimismo europeu acerca de sua própria sociedade, com conseqüências para as ciências humanas, em especial a História, que surgiriam renovadas no pós-guerra.

O segundo elemento aqui escalonado refere-se à alteração na maneira de como a História era estudada até então. Segundo Henk Wesseling no decorrer da década de 20 do século XX, houve uma ruptura com o modelo, até então vigente, da História Tradicional⁵². Com o surgimento, em França, de um grupo de historiadores, denominados de Annales, que pregavam a renovação de paradigmas, métodos e temáticas históricas, a disciplina História tornar-se-ia menos teleológica, substituindo a

⁵⁰ Como exemplo pode-se citar a coleção: Benians, E. A. ; BUTLER, Sir James.; CARRINGTON, C. E.. *The Cambridge History of the British Empire*. Cambridge, University Press, 1957.

⁵¹ BARBOSA, Muryatan Santana. *Eurocentrismo, História e História da África*. op. cit. p. 50.

⁵² WESSELING, Henk. op. cit. p. 100.

preocupação central com a evolução pela busca das estruturas. A partir da discussão teórico- metodológica entre diversas áreas do conhecimento a história inicia, também, um enveredar pelo campo da multidisciplinaridade (diálogos com a lingüística, geografia, psicologia e história) e da totalidade, com a extensão e valorização de fontes dantes inéditas ao campo histórico. Assim, em texto conhecido, Peter Burke define esta revolução dos Annales na historiografia em três pontos principais: “(a) a interdisciplinariedade; (b) a perspectiva totalizante; (c) a história problematizada.”⁵³, tendo em Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel⁵⁴ o cerne dessa nova proposta historiográfica que, com a ampliação e especialização do campo acadêmico, foi reinterpretada por historiadores e correntes de pensamento de outros países.

A historiografia africana não escapou a essa influência, com seus estudos passando a priorizar a análise das tradições orais, da lingüística, das fontes antropológicas e etnológicas além da arqueologia e as fontes escritas. Essa nova perspectiva histórica proporcionou uma reavaliação histórica da historiografia africana com a valorização e desenvolvimentos de novas técnicas de pesquisa e interpretação, tais como as fontes orais.

Não obstante, assim como Muryatan Santana Barbosa, concorda-se aqui, que a História da África renovada surge como expressão dessa historiografia contemporânea, tendo como principais fatores desencadeadores a renovação crítica das Ciências Sociais, em particular a historiografia, e o crescente relativismo europeu diante de seus próprios valores⁵⁵. Tais fatores, portanto, permitem que se afirme que os avanços conquistados nas temáticas africanas dessa época podem ser mais bem entendidos, se forem alocados

⁵³ WESSELING, Henk. op. cit. pp. 102-103.

⁵⁴ Para maiores detalhes ver respectivamente: BLOCH, Marc. *Apologia à História. ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

⁵⁵ BARBOSA, Muryatan Barbosa. *Eurocentrismo, História e História da África*. op. cit. p. 51.

dentro de uma renovação maior historiográfica, a da primeira metade do século XX⁵⁶. O que pode ser percebidos com os primeiros estudos europeus pós-guerra, como por exemplo, as importantes publicações especializadas sobre a História da África, como o *The Journal African History*⁵⁷, na Inglaterra, e o *Bulletin de L'Institut Français de l'Afrique Noire*⁵⁸, na França. Para além desses, nas décadas de 1950 e 1960 foram lançados 3 importantes livros que trouxeram ao centro importantes conhecimentos introdutórios sobre a temática africana. São eles: *A velha África Redescoberta* de Basil Davidson; *História dos Povos da África Negra*, de Robert Corvenier e *Breve História da África*, de R. Oliver e J. D. Fage⁵⁹.

Concomitantemente a este crescimento do interesse europeu sobre o continente negro, em África, próximo do fim da década de 1940, ainda durante o período colonial, a historiografia do continente era influenciada pela criação de centros de estudo e universidades na própria África. Segundo DifUILA, o aparecimento das Universidades assegurava não somente a formação de quadros superiores, mas também alavancaria a investigação sobre a história da África:

“Em 1948 a Grã-Bretanha empreendeu um programa de criação de centros Universitários no Sudão, Uganda, Costa do Ouro, Nigéria e, ao mesmo tempo, instaurava a categoria de leitor de História de África na Universidade de Londres, confiada ao Dr. Roland Oliver. (...) Nas colônias francesas e belgas, desenvolveu-se um processo idêntico, que culminou com a criação, em 1950, da Escola Superior de Letras de Dakar, que sete anos depois adquire o estatuto de Universidade francesa, e Louvanium, primeira Universidade do Congo-Belga, em 1954⁶⁰.”

Mesmo com a maioria dos professores sendo de origem européia, seria nesses espaços que nasceria a grande parcela dos pensadores africanos da independência, e teria início o movimento que buscava a inversão do papel concedido a África na história

⁵⁶ Ibidem, p. 50.

⁵⁷ Disponível em: <http://journals.cambridge.org/action/displayJournal?jid=AFH>.

⁵⁸ Disponível em: <http://ifan.ucad.sn/>

⁵⁹ COSTA e SILVA, da. *Os estudos de História da África e sua importância para o Brasil*. In: *A dimensão atlântica da África*. II Reunião Internacional de História da África. Rio de Janeiro, CEA-USP/SDG-Marinha/CAPEs, 1996. pp. 13-20.

⁶⁰ DIFUILA, Manuel Maria. op. cit. pp.55-56.

da humanidade⁶¹. E um dos primeiros grandes historiadores desta geração foi o senegalês Cheikh Anta Diop. Em produções conhecidas como *Nações negras e cultura* de 1955 e *Anterioridade das civilizações africanas* de 1967, Diop reestrutura uma tese do século XIX sobre a origem da civilização egípcia, tida até então como a base da cultura do mundo helenístico e das sociedades africanas, afirmando que a mesma possuía origem negróide. Com isso, o autor perseguia o objetivo de defender a africanidade do Egito e, portanto, do mundo mediterrânico antigo, local no qual teria surgido a maior parte das civilizações indo-européias. E, por conseguinte, almejava defender e apoiar o princípio da unidade cultural africana, visto que, segundo Diop, os povos do continente teriam, em última instância, a mesma origem egípcia⁶².

Com o passar do tempo, e o caminhar dos processos de independência, ficava cada vez mais claro a necessidade de construção de histórias nacionais para cada região inventada pelos europeus e reinventada pelos africanos⁶³. De forma geral a independência gerou uma urgência, por parte de uma recente elite política e intelectual que se via no poder, de dar novo significado a uma identidade africana, tanto para dentro do continente como para o mundo. Para tanto, era necessário, como afirma Oliva, “retornar ao passado em busca de elementos legitimadores da nova realidade e encontrar heróis fundadores e feitos maravilhosos dos novos países africanos e da própria África.”⁶⁴. E para o filósofo Appiah, foram os primeiros pensadores africanos os responsáveis pela criação de certas ideologias, o pan-africanismo e a negritude, que (re)significavam a identidade africana. E ambas, com intensidade e objetivos dispares, buscavam enfatizar a existência de uma identidade comum africana, que serviria como

⁶¹ CURTIN, Philip D. Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuições à história em geral. In: Ki-Zerbo, J (Org): *História Geral da África; Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 1982, Vol. 1, p. 84.

⁶² BARBOSA, Muryatan Barbosa. op. cit. p. 51.

⁶³ Como exemplo dessa necessidade de criação de histórias nacionais, ver a profunda análise de: BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio da História Regional*. Rio de Janeiro, CEEA Candido Mendes, 2000.

⁶⁴ OLIVA, Anderson Ribeiro. *A historiografia da África em perspectiva*. op. cit. p. 23.

distinção e qualificação, muitas vezes exacerbada, dos africanos em relação ao restante da humanidade⁶⁵. Tais correntes do pensamento africano tiveram forte influência nos estudos ali organizados até o fim da década de 1970, e também na articulação e crescimento dos movimentos negros nas Américas.

E assim, dentro desse grupo de pensadores, foi uma geração de intelectuais, em sua maioria historiadores, liderados pelos africanos Joseph Ki-Zerbo e Cheikh Anta Diop que supervalorizaram o argumento de que a África também possuía sua história. Em resumo, a síntese da abordagem desse grupo era que as investigações deveriam focar a África em sua própria trajetória. Sendo as histórias dos reinos e civilizações africanas utilizadas como exemplo da capacidade de organização, transformação e produção africanas, que em nada deviam para os padrões ocidentais. E os vestígios materiais deixados do passado, técnicas agrícolas, padrões estéticos da arte estatúaria e ruínas dos mais diversos tipos, eram usados para evidenciar as qualidades do continente⁶⁶.

Desse grupo saíram iniciativas no sentido de organizar a construção de um espaço próprio de discussão sobre a temática da descolonização da História africana. Gerando, deste intento, a realização de encontros regulares, como o Congresso de Africanistas de 1961, o Congresso Internacional sobre a História da África, em 1965, na Tanzânia, e o de Yaundé, em Camarões, 1975. Ademais, também se articulou a primeira Associação Pan-Africana de Historiadores, em 1972, na qual houveram aproximações das propostas pan-africanistas com o marxismo, numa tendência corrente da época de marcos da luta política africana⁶⁷.

Por iniciativa de tal grupo, também foi promovido uma grande quantidade de publicações de trabalhos importantes para o aumento do conhecimento acerca dessa

⁶⁵ APPIAH, Kwame Anthony. op. cit. pp.19-53.

⁶⁶ OLIVA, Anderson Ribeiro. *A historiografia da África em perspectiva*. op. cit. p. 24

⁶⁷ BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio da História Regional*. Op cit, p. 52.

temática, a partir dos anos de 1970. Seria bastante injusto e superficial a tentativa de se citar todos os livros que participaram da ampliação dos conhecimentos sobre a História da África nesse período. Entretanto, entre os fins dos anos 1960 e 1970, vê-se consolidar dois tipos de estudos sobre África. O primeiro liga-se a tentativas, de maior fôlego, de se reconstruir a História africana partindo de uma perspectiva estrutural de longo prazo. Em uma listagem possível, pode-se citar: *História da África Negra* (1979) de Joseph Ki-Zerbo; *A África na História* (1975) e *A velha África redescoberta* (1977) de Basil Davidson e *A África em perspectiva temporal* (1964) de Daniel Mc Call. Já o segundo tipo, tem outros trabalhos que possuem como objeto de estudo temas modernos e contemporâneos tais como o tráfico de escravos, colonialismo e descolonização. Encontra-se encaixado nesse segundo tipo os trabalhos: *O tráfico escravista no Atlântico* (1970) de Philip Curtin; *Revoltas na Rodésia do Su: um estudo da resistência africana* (1967) de Terence Ranger e *A libertação da Guiné: aspectos de uma revolução* (1975) do próprio Basil Davidson⁶⁸.

Por fim, na década de 1980, com a participação de intelectuais desse grupo e de estrangeiros a UNESCO iniciou a publicação da *História Geral da África*, que é considerada como um ponto de virada nos estudos sobre a história africana⁶⁹. Estruturada desde o ano de 1966, a pedido dos países africanos recém independentes, os oito volumes dessa publicação passaram a configurar como fonte indispensável sobre o assunto.

Desta feita o que se constata ao observar a historiografia da África desse período é que, por possuir características próprias, como a significativa ausência de fontes escritas, ela tende a se aproximar e muito das características atribuídas a Escola dos

⁶⁸ BARBOSA, Muryatan Santana. op. cit. p. 55.

⁶⁹ Ibidem, p. 56.

Annales: uma história inter-disciplinar, problematizada e totalizante⁷⁰. Já que para reconstruir o passado africano era preciso apreender a reconstruir o passado de outras formas, tal qual Wesseling afirmou:

“O desenvolvimento da história africana tem sido espetacular. Talvez tenha sido o campo mais vivo, dinâmico e inovador da história, desde a emergência da nova história social e econômica nas décadas de 20 e 30. Pode-se dizer que o *Journal of African History* foi a publicação mais inovadora desde a fundação dos Annales. Na verdade os dois desenvolvimentos são de certo modo comparáveis. Os historiadores sociais, como aqueles dos Annales e outros, começaram a se fazer perguntas que jamais haviam feito antes e que não haviam sido mencionadas nas fontes tradicionais. Novas fontes tiveram de ser descobertas e novas técnicas desenvolvidas para reexaminar as velhas fontes sob uma nova luz. A mesma situação ocorre com a história africana. As fontes são escassas, pelo menos as tradicionais. Por razões culturais, os africanos produziram menos material escrito sobre história africana que os europeus, e por razões climáticas, pouco desse material chegou até nossas mãos. (...)A absoluta escassez de fontes proporcionou um enorme estímulo ao desenvolvimento de novas técnicas e métodos. O passado tinha de ser interrogado por outros meios. Mais uma vez, é relevante a comparação com os Annales e sua *nouvelle histoire*. Em ambos os casos têm sido aplicadas a arqueologia, a cartografia, a lingüística e a onomástica. A antropologia também desempenhou um papel importante na história africana”⁷¹.

Entretanto os pesquisadores que já se debruçaram sobre esse período da historiografia africana⁷², são unânimes em afirmar que, apesar dos enormes esforços dessa nova vertente, ela acabou por repetir os mesmos erros cometidos por abordagens anteriores. E o mais evidente desses erros foi o desproporcional enaltecimento das características histórico-culturais africanas, que acabou por reproduzir o mesmo desacerto anteriormente cometido pelos europeus, sem, no entanto, utilizar o eurocentrismo, mas lançando mão do afrocentrismo. Não obstante, em alguns desses estudos, os africanos passam a ser percebidos como meras vítimas de ações externas, perdendo assim todo o papel de agentes históricos⁷³.

Outro elemento a ser ponderado nesse sentido foi à tentativa dessa mesma vertente de pensar as conseqüências futuras do processo de independência. Partindo da

⁷⁰ WESSELING, Henk. op. cit. p. 111.

⁷¹ Ibidem. pp. 110-111.

⁷² Assertiva balizada pelos argumentos de Carlos Lopes e Manuel Maria Difuila.

⁷³ OLIVA, Anderson Ribeiro. *A historiografia da África em perspectiva* op. cit. p. 24.

concepção de que se até aquele momento a África havia sido subjugada e explorada, a libertação do domínio político europeu abriria espaço para uma era de prosperidade na qual caberia uma alteração nos métodos e das perspectivas dos trabalhos históricos. Carlos Lopes frisa que o historiador líder desse grupo, Ki-Zerbo anunciava na sua proposta de historicidade, um futuro novo para a alteridade continental, e da qual se pode perceber que a “heresia de se fazer a História do amanhã passava a fazer parte do imaginário dessa corrente” ⁷⁴. Porém muitos historiadores não viam com bons olhos essa tentativa de se fazer a História do amanhã.

Por fim, pode-se perceber que foi necessário chegar às décadas de 1960-1970 para que a expansão dos estudos e pesquisas realizadas no continente africano e fora dele ocorresse. Em África esse fato esteve relacionado, como dito anteriormente, pela expansão das Universidades e conseqüente presença maciça de professores africanos e europeus lecionando em suas salas de aula, pela busca de identidade e a busca de soluções para os problemas que assolavam suas regiões. E o mais importante, e talvez também se configurando como uma das grandes contribuições da historiografia da África para pesquisa histórica, foi que os pressupostos e metodologias utilizadas nas investigações passaram a ser mais bem elaborados, atingindo um nível de sofisticação tal que, em alguns sentidos, superava ao restante da historiografia mundial.

⁷⁴ LOPES, Carlos. Op. cit. pp. 24-26.

4.0 Os Novos estudos africanos e o desenvolvimento da temática no Brasil.

Finda a euforia de se pensar a África por ela mesma, no início da década de 1980, surge uma nova escola de historiadores africanos, livres das análises enviesadas, envolvidos com a central preocupação de dar sequência às pesquisas históricas⁷⁵ como também de assumir a difícil tarefa de ampliar os estudos sobre o continente integrando suas pesquisas as constantes inovações da historiografia mundial.

A partir dos anos 1980 e 1990, acompanha-se uma multiplicação de estudiosos, temas e métodos de trabalho que tornam a História da África uma área disciplinar consolidada e internacionalmente reconhecida. Tratando-se assim, de um avanço intelectual e institucional com a constituição de novas áreas de estudos historiográficos africanos dentro e fora do continente⁷⁶. Deste desenvolvimento, surgem novos especialistas na temática, que se tornam figuras influentes dentro do meio acadêmico. Isto tanto dentro da África, como B. Barry, A. F. Ajahi, A. Boahen, B. A. Ogot, V. Mudimbe, I. A. Akinjogbin, T. Falola, M. Diouf, E. J. Alagoa e outros; quanto fora da África, como J. Vansina, J. Thornton, C. Coquery-Vidrovitch, P. Lovejoy, J. Miller, Y. Kopytoff, A. Costa e Silva, K. Asante, M. Bernal, Carlos Lopes, D. Birmingham entre outros.

E após a formação de 2 gerações de estudiosos no tema africano, desde a Segunda Grande Guerra, a crítica a abordagem eurocêntrica segue sendo uma das questões que permeiam a grande maioria dos trabalhos dos pesquisadores contemporâneos integrantes desses novos estudos africanos. Nesse sentido, parte dos trabalhos de autores atuais, como John Thornton, Paul Lovejoy e Vansina, caminha no sentido do questionamento de pressupostos da primeira geração da historiografia de

⁷⁵ LOPES, Carlos. op. cit. p. 32.

⁷⁶ BARBOSA, Muryatan Santana. op. cit. p. 56.

África, tidos como reprodutores de abordagens de tipo eurocêntricas, como as de viés afrocentristas. Thornton, por exemplo, crítica o suposto eurocentrismo contido nas obras que trabalham com a teoria do sistema mundial de Immanuel Wallerstien, visto que, ali, a Europa continuaria surgindo como o único sujeito histórico da modernidade⁷⁷ e Vansina questiona os afrocentristas por não terem desmistificado o mito da excepcionalidade grega, em vez de procurarem as origens africanas destas⁷⁸.

Assim, além dessa preocupação central com a desconstrução da herança eurocêntrica, ou como uma conseqüência dessa mesma preocupação, pode-se identificar nos trabalhos desse novo grupo um repensar das alternativas teórico-metodológicas criadas para o estudo histórico do continente que contribuem para desenvolvimento da Historiografia mundial. E uma das possíveis maneiras de se delinear claramente tais contribuições, é tomando emprestado de Muryatam Santana uma metodologia interpretativa para análise da produção dessa nova fase da historiografia africana. Na qual se estabelece uma divisão temporal nesses estudos históricos em duas grandes épocas: Antiga (do surgimento do Homem até o século V d.c) e Moderna/Contemporânea (século V aos dias atuais)⁷⁹. E é exatamente esse procedimento que se opera aqui.

Entre os estudos do período da África Antiga, enfatizar-se-á aqueles que empreendem uma abordagem na longa duração, nos quais se desenvolve a escrita de uma História milenar. Dentre os principais podemos citar os trabalhos de Jhon Reader, Jhon Iliffe, Roland Oliver, Elikia M'Bokolo entre outros. Nesses se pode destacar dois tipos de contribuições a uma abordagem mais ampliada da História. A primeira está ligada a utilização das ciências naturais (exatas e biológicas) como ferramentas

⁷⁷ THORNTON, John. op. cit. p.

⁷⁸ VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: Ki-Zerbo, J (Org): *História Geral da África; Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 1982, Vol. 1, p. 160.

⁷⁹ BARBOSA, Muryatan Santana. op. cit. p. 58.

auxiliares de pesquisa. Sendo que os casos exemplares se referem a utilização dos conhecimentos da arqueologia e paleontologia. Do uso da arqueologia veio a revolução nos métodos de datação dos artefatos e da cronologia humana no continente, além dos novos problemas interpretativos colocados aos historiadores derivados da corrente utilização dos métodos da mesma em sítios arqueológicos. O que transformou a ciência arqueológica em referência obrigatória de pesquisa aos africanistas. Da paleontologia surgiram instrumentos importantes para o estudo do processo de hominização do Homem, alargando as datações históricas à escala milenar pela utilização de métodos como do isótopo potássio-argônico⁸⁰.

Nos estudos demográficos e geomorfológicos acerca do Homem no continente africano também é possível encontrar a presença auxiliadora das ciências exatas. A contribuição singular da matematização, nesse caso, está na efetivação de uma História Econômica referente a um período anterior a chegada dos europeus e do estudo das relações entre o Homem e o Meio Natural em áreas diversificadas⁸¹. E tais escritos têm influenciado outros estudos, como o de Ilife - *African: the history of a continent* -, que procuram enfatizar uma perspectiva geo-histórica de longa duração, na qual se ressalta a capacidade das populações africanas de transformar e se adequar as condições geográficas⁸².

Não obstante, as ciências naturais também têm adquirido importância dentro de outras ciências auxiliares, tais como a paleobotânica e a parasitologia, que estão se consolidando como saberes essenciais à História da África. Visto que elas têm retirado do plano do leigo os estudos sobre a alimentação, fauna, doenças e epidemias

⁸⁰ OBENGA, T. Fontes e técnicas específicas da história da África: panorama geral. In: Ki-Zerbo, J (Org): *História Geral da África; Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 1982, Vol. 1, p. 92.

⁸¹ OBENGA, T. op. cit. p.93.

⁸² BARBOSA, Muryantan Santana. op. cit. p. 59.

africanas⁸³. Ademais, a genética contemporânea também contribui para a solidificação do conhecimento sobre a genealogia humana, atestando, por exemplo, a origem africana do Homem⁸⁴.

Quanto aos estudos referenciados a época Moderna e Contemporânea, eles também conquistaram ao menos dois grandes méritos quanto ao desenvolver de um saber mais interdisciplinar. O primeiro deles foi à utilização da Lingüística e da história oral como instrumentos fundamentais para o conhecimento histórico da África. A relação da História africana com a lingüística não é recente, havendo sido empregada, por exemplo, em inúmeros procedimentos de classificação étnica das populações africanas desde o século XIX. Entretanto, nos últimos anos, essa relação tem se mostrado modificada, já que a Lingüística e a oralidade vêm permitindo que os pesquisadores tenham acesso a um conhecimento autóctone sobre a história africana e não somente aquilo que europeus ou árabes escreveram sobre os africanos⁸⁵. E isso é fundamental para os trabalhos que se centram em uma realidade em que, salve exceções como o Egito antigo e seus arredores e algumas áreas romanizadas do Norte da África⁸⁶, não se legou registros escritos sobre sua cultura ou visão de mundo⁸⁷.

E o segundo mérito dos trabalhos históricos da época Moderna/Contemporânea, foi de terem demonstrado de forma ampla e plural que o africano é sujeito de sua própria história, em especial, em sua face mais visível, na ação política. Ao mesmo tempo, tais trabalhos têm possibilitado a construção de uma visão mais complexa da atuação dos africanos na constituição e reprodução de suas sociedades, tornando-os

⁸³ Como exemplo pode-se citar: ILFFE, John. *The african AIDS epidemic: A history*. Ohio, Ohio University Press, 2006.

⁸⁴ M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: História e Civilizações*. Lisboa, Vulgata, 2003, pp. 20-28.

⁸⁵ Acesso esse devido ao intento de autores como Jean Vansina, Djibril T. Niane, Joseph Ki-Zerbo, David Cohen, Amadou Hampaté Ba, Joseph Miller e E. Alagoa na formulação de métodos de investigação e interpretação histórica em que a história oral fosse um princípio primordial de análise científica do continente.

⁸⁶ FAGE, J. D. op. cit. pp. 45-46.

⁸⁷ BARBOSA, Muryantan Santana. op. cit. p. 59.

mais pluridimensionais. Aparecendo, dessa maneira, com uma presença mais humana na história da humanidade.

Por fim, de um modo geral, percebe-se que, para além da sofisticação de métodos e tóricas, como no caso das tradições orais; do caminhar em direção a uma maior transdisciplinariedade, uso da arqueologia, antropologia, matemática, paleontologia entre outras; e da diversificação de temas de interesse, tais como epidemias, o imaginário, as novas tendências da economia e da ciência política, a importância do regional, do gênero, da escravidão, da cultura política e etc., a continuidade de uma perspectiva de descolonização da história da África reforçou um viés de interpretação heurística muito importante. No qual os conceitos utilizados na pesquisa histórica estão cada vez mais ligados ao seu contexto emanante, ao invés de se basearem em categorias já fechadas e construídas a posteriori. Nesse sentido, diante desse viés, autores como Akinjogbin, vêm postulando uma ressignificação conceitual de categorias como poder e território, para que passem a ser estabelecidas segundo seu significado cultural nativo⁸⁸. Boubou Hama, dentro desse mesmo sentido, chama a atenção para a compreensão da forma singular da História e do fazer histórico próprio das sociedades africanas, sendo assim, mais um outro exemplo da tendência a formação de uma História da África cada vez mais particulariza e especializada.

Além disso, é importante destacar uma importante novidade que também contribuiu no aprofundamento dos conhecimentos sobre as complexidades africanas. Tal novidade se centrada no modo de se entender a história da África inserida dentro de um contexto maior que o do próprio continente isolado, denominado de *Mundo Atlântico*. O núcleo central dessa abordagem está localizado na ideia de que os diversos povos e culturas que habitaram as duas margens do Atlântico, a partir do século XV,

⁸⁸ BARBOSA, Muryatan Santana. op. cit. p. 61.

estiveram sempre em uma espécie de integração/vínculo, estabelecido através de diferentes formas de comunicação entre os diversos mundos ligados pelo oceano Atlântico. E uma das principais alterações trazidas por essa abordagem, foi a relativização das relações entre metrópole e colônias, deixando, estas últimas, de ocupar lugar periférico nas explicações históricas, permitindo a elaboração de um eixo explicativo que possibilita, entre outros instrumentos, o estudo da história africana desvincilhada do imperativo das estruturas sociais e econômicas européias⁸⁹.

Assim, de um modo geral, pode-se perceber que os estudos históricos dessa nova geração tendem a desmistificar de vez o imputado caráter a-histórico das sociedades africanas através da sofisticação no uso de metodologias, principalmente as ligadas a análise das fontes orais; do esforço de caminhar em direção a uma História cada vez mais interdisciplinar na qual a utilização cruzada de fontes se torna uma premissa metodológica; e da quase incontável pulverização das temáticas de pesquisa, no qual os estudos passaram a se concentrar sobre os temas do cotidiano, epidemias, imaginário, novas tendências da economia e da ciência política, regional, gênero, escravidão e cultura política, que permitem uma (re)reconstrução histórica mais complexa e conseqüentemente mais próxima da realidade⁹⁰.

O fato é que as pesquisas efetuadas por africanos e africanistas atualmente têm procurado desvendar e explicar o continente pelas diversas abordagens das reflexões históricas. Estudos sobre o passado remoto ou recente das regiões e do processo de formação da África atual, da compreensão da diversidade de suas culturas e povos e as releituras sobre a colonização tem sido alvo de uma grande quantidade de investigações, que vem transformada África em uma área fortemente cobiçada por muitos

⁸⁹ Tal abordagem tem sido esclarecidas e discutidas por autores anteriormente aqui citados, tais como Jhon Thorton, Philip Curtin, Paul Gilroy e Joseph Miller.

⁹⁰ OLIVA, Anderson Ribeiro. *A historiografia da África em perspectiva* op. cit. p. 28.

pesquisadores⁹¹. E para evitar a repetição excessiva de nomes e títulos, serão mencionados aqui apenas aqueles que são considerados, para os estudos africanos realizados a partir do Brasil, indispensáveis e possuem publicações acessíveis ao público brasileiro⁹². Portanto, serão citados os trabalhos agregados em algumas áreas temáticas. Sobre o tráfico de escravos dois trabalhos são fundamentais: o de Paul Lovejoy, *A escravidão na África: uma história de suas transformações*, e o de John Thornton, *A África e os africanos na formação do Mundo Atlântico, 1400-1800*. Sobre regiões específicas da África, como o reino do Kongo, do Ndongo, na África Central Ocidental, existem os trabalhos de Joseph Miller, *Poder político e parentesco: antigos estados mbundu em Angola*, de David Birmingham, *A África Central até 1870*, e de Selma Pantoja, *Nzinga Mbandi: mulher, guerra e escravidão*. Sobre Angola contemporânea, as reflexões de Marcelo Bittencourt, *Dos jornais às armas: trajetórias da contestação angolana*, são importantes. Enfocando Cabo Verde, os trabalhos de Leila Hernandez, *Os filhos da terra do sol: a formação do Estado-nação em Cabo Verde*, e de Gabriel Fernandes, *A diluição da África*, são boas referências. Acerca de Moçambique, destacam-se Valdemir Zamparoni e Edson Borges. Para um olhar em torno das relações internacionais África-Brasil, revelam-se as investigações de José Flávio Sombra Saraiva, *O lugar da África*, e de Pio Penna, *Conflito e busca pela estabilidade no continente africano na década de 1990*. Acerca da África Austral ou do período colonial, encontramos os artigos de Wolfgang Döpcke, como *A vinda longa das linhas retas: cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra*. Englobando temáticas gerais africanas, ou realizando grandes sínteses do continente, temos os textos clássicos de Joseph Ki-Zerbo, *História da África Negra*, de dois volumes, e do embaixador

⁹¹ OLIVA. Anderson Ribeiro. *A história da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática* op. cit. p. 441.

⁹² É necessário explicar a possível ausência de alguns importantes nomes nesse rol, devido a existência de um grande número de publicações atualmente sobre a temática africana.

Alberto da Costa e Silva, *A enxada e a lança e A manilha e o libambo*, além da excelente obra do africano Elikia M'Bokolo, *África Negra História e Civilizações. Até ao Século XVIII*.

Diante disso, a história da África alcançou a maioria nos meios intelectuais e universitários africanos, europeus e norte-americanos. No Brasil, no entanto, evidencia-se, que os estudos históricos que abordam essa temática, até bem pouco tempo atrás, não despertavam grandes interesses, como elucida as palavras de Alberto da Costa e Silva,

“ No Brasil, onde tanto avançaram os estudos sobre a escravidão e sobre os descendentes de africanos e seu papel na fecundação do nosso território e na invenção de nossa gente, não houve até agora o mesmo entusiasmo, nem se mostraram resultados semelhantes.”⁹³

Esse descuido apresenta sua explicação, tal como Olival afirma,

“(…) relacionada ao fato de que os objetos de pesquisa aqui eleitos possuem relação direta com as trocas ocorridas entre a cultura africana e a cultura luso-indígena-brasileira, ou ainda com os elementos criados a partir do encontro dessas e as conseqüências e mecanismos do tráfico de escravos.”⁹⁴

Desta feita, historiadores preocupados “com nós próprios, com o que fomos e somos, deixamos de confrontar o que tínhamos por herança da África com a África que ficara no outro lado do oceano, tão diversificada na geografia e no tempo”⁹⁵. Acabou-se por negligenciar a necessidade de desvincular os estudos africanos das temáticas afro-brasileiras, para assim poder percebê-los em seu próprio contexto histórico, ou então, dentro do *Mundo Atlântico*. Entretanto, os historiadores brasileiros somente passaram a demonstrar um interesse maior por tal temática nos meados dos anos de 1980. Entretanto, o trabalho de um número considerável de pesquisadores vem contribuindo

⁹³ COSTA E SILVA, Alberto da. *De ida e Volta*. In: *Um rio chamado Atlântico: A África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2003. p. 236.

⁹⁴ OLIVA, Anderson Ribeiro. *A Historiografia da África em perspectiva*. op. cit. p. 30.

⁹⁵ COSTA E SILVA, Alberto da. *De ida e Volta*. In: *Um rio chamado Atlântico: A África no Brasil e o Brasil na África*, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ/ Nova Fronteira, 2003, p. 236.

para alteração desse estado⁹⁶. Congressos⁹⁷, publicações e centros de pesquisa⁹⁸ têm buscado estender os estudos sobre o passado africano.

No entanto, percebe-se, que a escrita da história da África no país é uma tarefa ainda em construção, mas que, seguindo a tendência mundial dos estudos e enfoques sobre o continente negro, deve ter avanços importantes nos próximos anos. Entretanto, apesar desses avanços ainda é premente a necessidade de dinamizar os estudos da África, aumentando principalmente o número de Universidades e faculdades com cursos de história que ofertam como disciplina obrigatória ou até com perspectivas temáticas a História da África. Não obstante, a reduzida publicação e tradução de obras ainda são insatisfatórios em contrapartida ao aumento do interesse de algumas editoras.

⁹⁶ Serão citados aqui somente aqueles que são, para os estudos africanos brasileiros, considerados indispensáveis, Yeda Pessoa de Castro, Júlio Santana Braga, Pedro Moacyr Maia, Guilherme Castro, Vivaldo Costa Lima e Paulo Fernando de Moraes Farias.

⁹⁷ Dentre esses o mais conhecido é o: ALADAAB ou Congresso Nacional da Associação Latino-Americana de estudos Afro-Asiáticos no Brasil.

⁹⁸ Três centros de estudo afro-brasileiros se destacam nessa tarefa: Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, criado em 1960 e que é responsável pela publicação da revista Afro-Ásia; Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Cândido Mendes, criado em 1973 no Rio de Janeiro e o Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo, criado em 1978. COSTA E SILVA, Alberto. Os estudos de história da África e sua importância para o Brasil. In: *A Dimensão Atlântica da África. II reunião Internacional de História da África*. São Paulo, CEA-USP/SDG-Marinha/Capes, 1997, p. 19.

Conclusão

O continente que deu vida ao próprio homem foi condenando por muitos deles ao esquecimento e a inferioridade. Complexa e diversa, a África, sua história e seus povos precisam ser mais bem compreendidos, e seus papéis, na história do mundo, redimensionados. Vimos ao longo dessas linhas que, em parte, dezenas de historiadores têm se esforçado nos últimos anos nessa tarefa. Um reflexo, na verdade, de décadas de idas e vindas, superações e convencimentos de que a história da África não se limitava ao estudo da tradição, do exótico ou das influências colonialistas das potências européias.

Sua história possui vida e instrumentos variados de resgate. Mais do que isso, o esforço e os caminhos alternativos da pesquisa histórica na África, para além, de reconstruir sua relevância teórica e política no estabelecimento de contribuições às diversas correntes interessadas na superação da agenda eurocêntrica das ciências sociais⁹⁹, também serviram como modelos de estudos realizados fora do continente. Assim como os historiadores africanistas e africanos passaram a beber das inovações das pesquisas em outras regiões que possibilitaram vislumbrar o passado de seus tão complexos contextos. É evidente que tropeços ocorreram como também existiram avanços. Percebe-se, portanto, que, no momento atual da construção das formas de ver e pensar a história da África, as renovações e modificações nos enfoques dos estudos trouxeram modelos explicativos que tendem a fugir dos enquadramentos simplistas, generalizantes e somente ocidentais. Suas análises se iniciam pelo próprio universo africano, seja pelas perspectivas dos africanos, seja pelas novas percepções sobre suas histórias, realizadas por pesquisadores de vários países.

⁹⁹ LANDER, Edgardo. *Apud* BARBOSA, Muryatan Santana. op. cit. pp. 57-58.

Tais mudanças auxiliam na busca de melhor elucidação das diferenças encontradas na África e na redefinição do papel desta na história mundial, tanto no passado quanto no presente.

Nesse sentido, para finalizar, com a esperança de ter cumprido meu objetivo inicial, faço minhas as palavras de Oliva:

“destacar as faces atuais dos estudos africanos e reconstruir parcialmente a trajetória das investigações realizadas sobre o continente negro pareceu ser um começo motivador. Que novas tarefas se concretizem.¹⁰⁰”

¹⁰⁰ OLIVA, Anderson Rineiro. *A história da África em perspectiva*. op. cit. p.32.

Referência Bibliográfica.

- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa do meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BARBOSA, Muryatan Santana. *Eurocentrismo, História e História da África*. Sankofa, Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, n. 1, junho de 2008, p. 47. Disponível em: <http://sites.google.com/site/revistasankofa/Home/sankofa-01>.
- BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio da História Regional*. Rio de Janeiro, CEEA Candido Mendes, 2000.
- Benians, E. A. ; BUTLER, Sir James,; CARRINGTON, C. E..*The Cambridge History of the British Empire*. Cambridge, University Press, 1957.
- BLOCH, Marc. *Apologia à História. ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BRUNSCHWING, Henri. *A partilha da África Negra*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- BURTON, Richard Francis. *The Lake Regions of Central África*. apud, OLIVAL, Anderson Ribeiro. *A história da África em perspectiva*. Revista Múltipla, Ano IX, n. 16, Vol.10, junho de 2004. Disponível em: <http://www.upis.br/revistamultipla/multipla16.pdf>
- COSTA E SILVA, Alberto da. *De ida e Volta*. In: *Um rio chamado Atlântico: A África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2003.
- _____. *Os estudos de História da África e sua importância para o Brasil*. In: *A dimensão atlântica da África*. II Reunião Internacional de História da África. Rio de Janeiro, CEA-USP/SDG-Marinha/CAPES, 1996
- CURTIN, Philip D. Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuições à história em geral. In: Ki-Zerbo, J (Org): *História Geral da África; Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 1982, Vol. 1.
- DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. *Ancestrais. Uma introdução à história da África Atlântica*. Rio de Janeiro, Campus, 2004.
- DIFUILA, Manuel Maria. *Historiografia da História de África*. In: *Actas do Colóquio 'Construção e Ensino da História de África'*. Lisboa, Linopazas, 1995.
- DJAÏT, H. As fontes escritas anteriores ao século XV. In: KI-ZERBO, J (Org): *História da África, Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 1982, Vol. 1.
- FAGE, J. D. A evolução da historiografia da África. In: Ki-Zerbo, J (Org): *História Geral da África: Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 1982, Vol. 1.

FREUND, Bill. *Africanist History and the History of African*. apud, OLIVA, Anderson Ribeiro. *História da África em perspectiva* Revista Múltipla, Ano IX, n. 16, Vol. 10, junho de 2004. Disponível em: <http://www.upis.br/revistamultipla/multipla16.pdf>.

GOLDENBERG, David. *The curse of Ham: race and slavery in early Judaism, Christianity, and Islam*. apud. OLIVA, Anderson Ribeiro. *Lições sobre a África: diálogos entre as representações dos africanos no imaginário ocidental e o ensino da História da África no mundo Atlântico(1990/2005)*. Brasília: UNB, 2007, p. 404. Tese Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, UNB, Instituto de Ciências Humanas, Brasília, 2007.

HAMA, Boubou; KI-ZERBO, J. Lugar da História na sociedade africana. In: KI-ZERBO, J (Org): *História da África, Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 1982, Vol. 1.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J (Org): *História da África, Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 1982, Vol. 1.

HEGEL, Friedrich. *Filosofia da História*. In: FAGE, J. D. A evolução da historiografia da África. In: Ki-Zerbo, J (Org): *História Geral da África: Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 1982, Vol. 1

HELICARSO, Heródoto de. *História*. apud. OLIVA, Anderson Ribeiro. *A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática*. Estudos Afro-Asiáticos, Vol. 25, n. 3, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0101-546X2003000300003.

HENRIQUES, Isabel de Castro. *Os pilares da diferença: relações Portugal África, séculos XV-XIX*. Lisboa, Caleidoscópio, 2004.

LANGER, Johnni. *Civilizações Perdidas no Continente Negro: o imaginário arqueológico sobre a África*. In: MNEME, Revista de Humanidades. n. 14, Vol. 7, fevereiro/março de 2005. Disponível em: <http://www.seol.com.br/mneme>.

LEVEJOY, Paul E. *A escravidão na África: uma história de suas transformações*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

LOPES, Carlos. *A Pirâmide invertida- historiografia africana feita por africanos*. In: Actas do 'Colóquio Construção e Ensino da História de África' Lisboa, Linopazas, 1995.

M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: História e Civilizações*. Lisboa, Vulgata, 2003.

NORONHA, Isabel. *A corografia medieval e a cartografia renascentista: testemunhos iconográficos de duas visões de mundo*. História, Ciência, Saúde-Manguinhos, Vol. 6, n. 3, novembro de 1999 a fevereiro de 2000.

OBENGA, T. Fontes e técnicas específicas da história da África: panorama geral. In: Ki-Zerbo, J (Org): *História Geral da África; Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 1982, Vol. 1.

OLIVA, Anderson Ribeiro. *A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática*. Estudos Afro-Asiáticos, Vol. 25, n. 3, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0101-546X2003000300003.

_____. *A historiografia da África em perspectiva*. Revista Múltipla, Ano IX, n. 16, Vol. 10, junho de 2004. Disponível em: <http://www.upis.br/revistamultipla/multipla16.pdf>

_____. *Lições sobre a África: diálogos entre as representações dos africanos no imaginário ocidental e o ensino da História da África no mundo Atlântico(1990/2005)*. Brasília: UNB, 2007, p. 404. Tese Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, UNB, Instituto de Ciências Humanas, Brasília, 2007.

RIBEIRO JR., W.A. Heródoto: o casamento por leilão. Modelo 19, Araraquara, v. 7, n. 13, 2002, p. 30. Disponível em: <http://warj.med.br/pub/pdf/casamento.pdf>.

THORNTON, John Kelly. *A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-1800*. Rio de Janeiro; Campus, 2004.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: Ki-Zerbo, J (Org): *História Geral da África; Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 1982, Vol. 1.

WESSELING, Henk. História de Além mar. In: BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo. UNESP. 1992.

